

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



**LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NA
EDUCAÇÃO PARA AS DROGAS: ANÁLISE DE LIVROS PARADIDÁTICOS
PARA CRIANÇAS.**

IZABELA MARIA CAVALCANTI

RIO DE JANEIRO
NOVEMBRO - 2025

**LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NA
EDUCAÇÃO PARA AS DROGAS: ANÁLISE DE LIVROS PARADIDÁTICOS
PARA CRIANÇAS.**

POR:

IZABELA MARIA CAVALCANTI

Monografia apresentada à FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO como requisito parcial à OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA. sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Da Silva.

RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO - 2025

**LITERATURA INFANTIL COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NA
EDUCAÇÃO PARA AS DROGAS: ANÁLISE DE LIVROS PARADIDÁTICOS
PARA CRIANÇAS.**

Por:

Izabela Maria Cavalcanti

**Monografia apresentada as professoras
Maria de Lourdes da Silva e Ana Maria
Magaldi**

**Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes da Silva
(Orientadora)**

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Magaldi (Avaliadora)

**RIO DE JANEIRO
NOVEMBRO - 2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças nos momentos mais difíceis e por ter me sustentado ao longo de toda essa caminhada. Sem Sua presença, eu não teria conseguido recomeçar e seguir até aqui.

Ao meu esposo, Jayme Fernandes, meu companheiro de todas as horas, deixo a minha gratidão mais profunda. Desde o primeiro momento, ele acreditou em mim, me incentivou a retomar os estudos e esteve ao meu lado para que eu permanecesse e chegasse até a conclusão da graduação. Sem seu apoio eu não teria conseguido!

Aos meus filhos, Deivid Aleson e Sahra Camilla, agradeço por compreenderem minhas ausências e celebrarem comigo cada pequena conquista.

Agradeço também aos meus pais, João e Ivanilza, pelo apoio e incentivo no momento em que decidi deixar minha cidade, em Pernambuco, para morar no Rio de Janeiro, o que tornou possível minha entrada na UERJ e, conseqüentemente, a realização deste trabalho.

À minha orientadora, professora Maria de Lourdes da Silva, expresso minha gratidão pela paciência, pelas orientações e por cada aprendizado ao longo da minha graduação. Agradeço ainda pela oportunidade de participar, como bolsista, do Grupo de Pesquisa GPED, onde pude aprender e conviver com pessoas incríveis e dedicadas. Sou igualmente grata pela chance de atuar como monitora da disciplina de História da Educação Brasileira, experiência que marcou minha formação e ampliou minha visão acadêmica.

Aos meus colegas da graduação e a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha trajetória, meu sincero muito obrigada.

CAVALCANTI, Izabela Maria. *Literatura infantil como ferramenta educativa na educação para as drogas: análise de livros paradidáticos para crianças*. 34 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

RESUMO: O presente estudo investiga a literatura infantil e infantojuvenil como ferramenta educativa na abordagem da temática das drogas, em um contexto marcado pelo predomínio de perspectivas proibicionistas e pela escassez de materiais direcionados à infância. O objetivo foi analisar como as narrativas de cinco obras literárias contribuem para informar, prevenir e promover a autonomia e o senso crítico das crianças. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou como referencial teórico-metodológico a educação para a autonomia (Freire, 2013; Acselrad, 1996) e o Instrumento de Aferição Dual de Silva e Coelho (2022), visando identificar a reprodução ou a superação do Currículo Mínimo Irredutível (CMI). A análise demonstrou que a maioria das obras adere ao CMI de forma direta ou indireta, concentrando-se em classificar os tipos de drogas e em descrever seus efeitos biológicos e danos, utilizando frequentemente o amedrontamento e a moralização para defender a abstinência. Conclui-se que a literatura infantil e infantojuvenil possui um potencial mediador importante para introduzir o tema de forma lúdica e contextualizada. No entanto, é fundamental que as futuras produções avancem para uma pedagogia que utilize o "Não" como um ato de cuidado e proteção, promovendo o diálogo e a busca por apoio, em vez de reforçar o proibicionismo.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Educação para as Drogas. Autonomia. Currículo Mínimo Irredutível (CMI). Redução de Danos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3 METODOLOGIA	12
3.1 Instrumentos de análise de materiais pedagógicos sobre drogas	14
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	16
4.1. <i>O que são drogas?</i> (2010), de Patrícia Engel Secco	16
4.2 <i>Macaco, leão ou porco? o abuso do álcool e seus problemas</i> (2010), de Fernando Behrens e Gian Calvin	17
4.3 <i>Que mal tem?</i> (2019), de Paulo Leme Filho e Paulo de Abreu Leme	20
4.4 <i>Diga NÃO às drogas e ao álcool: Um guia para crianças</i> (2008), de Jim Auer ...	23
4.5 <i>A quadradinha de gude</i> (1996) e <i>A quadradinha de gude</i> (2014), de Onã Silva ..	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO 1- INSTRUMENTO DE AFERIÇÃO DUAL	34

1. INTRODUÇÃO

Fala-se com frequência em prevenção ao uso de drogas, mas como destaca Acselrad (2013), é fundamental avançar para uma verdadeira educação sobre o tema, baseada no diálogo, no contexto sociocultural e na promoção da autonomia. Nesse cenário, crianças em idade escolar, especialmente entre os primeiros anos do ensino fundamental e o início da adolescência, faixa etária para a qual se destinam as obras analisadas, crescem cercadas de informações fragmentadas, muitas vezes distantes de suas realidades e necessidades. Por isso, é urgente pensar em abordagens educativas que promovam autonomia, reflexão e consciência crítica. Uma educação que vá além do discurso de risco e proibição, defendendo a construção de saberes a partir do diálogo, da memória histórica e do contexto sociocultural (ACSELRAD, 2013, p. 100). Embora a educação para a autonomia seja um caminho necessário, é importante refletir sobre quais limites cabem às crianças pequenas no que diz respeito às drogas. Paulo Freire (1996) já alertava que ensinar exige respeito à autonomia do educando, mas também requer responsabilidade do educador em orientar e sustentar escolhas possíveis. Na infância, ainda não cabe às crianças decidirem livremente sobre questões como o uso de substâncias, mas sim aprenderem a reconhecer limites e a desenvolver critérios para suas escolhas futuras. Para isso, conhecimentos relacionados às drogas já devem ser, gradativamente, introduzidos na educação destas de modo a permitir que cresçam se familiarizando com o tema, conhecendo sua história, as práticas de uso, compreendendo o que são e o porquê de serem tão temidas e demonizadas.

Nesse processo, a autoridade do adulto não deve ser confundida com autoritarismo, mas entendida como mediação pedagógica que orienta e abre espaço para escolhas possíveis, sem deixar a criança entregue a decisões para as quais ainda não está preparada. Do ponto de vista do desenvolvimento infantil, a teoria vigotskiana fundamenta que a autonomia se desenvolve progressivamente, sempre com suporte mediador.

A maioria das discussões e iniciativas educativas tende a focar em adolescentes e jovens, negligenciando possibilidades de uma abordagem no início da infância. Crianças pequenas não precisam entender todo o conceito de abuso ou dependência, mas podem

aprender, através de situações lúdicas e mediadas, a reconhecer comportamentos saudáveis e sinais de perigo. Nesse ponto, é importante lembrar que o processo educativo não se resume à transmissão de informações prontas, mas envolve a criação de condições para que as crianças construam sentidos a partir de suas próprias experiências.

Nas últimas décadas, a educação sobre drogas tem ganhado maior visibilidade no campo educacional, especialmente a partir de debates ligados à saúde pública e à prevenção. Contudo, como apontam Silva e Coelho (2022), a incorporação do tema às políticas e práticas educacionais no Brasil ocorreu sob forte influência da política norte-americana de “Guerra às Drogas”, o que resultou em abordagens centradas na repressão e no controle do comportamento. Os autores indicam que, a partir da década de 1970, o ensino sobre drogas foi introduzido em disciplinas como Educação Moral e Cívica, Programa de Saúde e Ciências, com foco em advertir sobre os riscos e em promover a abstinência, e não em desenvolver reflexão crítica ou autonomia.

Nas décadas seguintes, como afirmam Silva e Coelho (2022), o debate se ampliou e passou a incorporar visões mais humanas e educativas, influenciadas por autores como Aquino, Carlini-Cotrim e Acselrad, que propuseram a transição de uma educação repressiva para uma educação para a autonomia e para o diálogo. Ainda assim, Silva e Coelho (2022) observam que a Pedagogia continua a ocupar um papel tímido no debate sobre drogas, permanecendo subordinada aos campos da saúde e da psicologia. Isso explica por que o tema ainda é abordado de forma instrumental e biologicista, deixando de lado dimensões sociais, culturais e pedagógicas mais amplas.

Essa predominância de perspectivas proibicionistas e moralizantes também é criticada por Silva Cardoso et al. (2013), que analisam os materiais educativos sobre drogas produzidos no Brasil e concluem que muitos deles ainda reproduzem o paradigma da “Guerra às Drogas”. Segundo os autores, esse modelo reduz o fenômeno do uso de drogas a um problema individual, negligenciando seus contextos sociais e históricos. Em contraponto, defendem a Redução de Danos (RD) como um paradigma mais realista e emancipatório, voltado à formação crítica dos sujeitos. Essa abordagem é retomada por Paixão et al. (2018), que sustentam que a educação sobre drogas deve ser mediadora da transformação social, e não mera transmissora de informações. Para isso, propõem o uso de metodologias dialógicas inspiradas em Paulo Freire e Saviani, nas quais o conhecimento se constrói coletivamente, a partir da realidade dos educandos.

No contexto escolar, Albertani e Sodelli (2011) analisam como a prevenção ao uso de drogas vem sendo trabalhada nas escolas brasileiras e constatam que, apesar de avanços pontuais, muitas ações continuam baseadas na “pedagogia do controle”, que reforça a obediência e a abstinência como metas principais. Os autores defendem a necessidade de práticas educativas mais próximas da realidade dos estudantes, que considerem as dimensões culturais e sociais do uso de substâncias. Esse olhar crítico dialoga com Silva (2019), que demonstra como os materiais paradidáticos brasileiros sobre drogas, produzidos entre as décadas de 1970 e 2000, acompanharam esse movimento de controle e moralização. De acordo com a autora, a maioria desses materiais foi elaborada sob a ótica médica e psicológica, reforçando discursos de medo e punição, e quase sempre sem a participação de educadores.

Entretanto, ao buscar produções acadêmicas que analisem a relação entre literatura infantil e educação sobre drogas, observa-se uma quase ausência de estudos. Embora haja ampla bibliografia sobre prevenção, saúde e adolescência, não foram encontrados trabalhos que investigassem como livros infantis tratam o tema das drogas ou que avaliassem seu potencial educativo. Como observa Silva (2019, p. 13), “a participação dos profissionais da educação nos debates tem se mantido reduzida, a despeito de todo incentivo realizado para que os professores abracem a causa”. Essa lacuna revela tanto o silêncio histórico da Pedagogia sobre o assunto quanto o espaço de inovação que a pesquisa sobre o tema ocupa.

Apesar dos avanços teóricos e metodológicos alcançados, permanece uma lacuna evidente nas práticas e pesquisas voltadas à educação sobre drogas na infância, a maior parte das produções científicas e pedagógicas se dirige a adolescentes e jovens, enquanto o público infantil segue praticamente ausente do debate. Essa invisibilidade revela um equívoco: supor que as crianças não convivem com questões relacionadas às drogas ou que são incapazes de compreendê-las. Pelo contrário, muitas crianças presenciam o uso de substâncias lícitas, como álcool e medicamentos, em seus lares, quiçá ilícitas, e precisam de espaços educativos para entender o tema de forma adequada, sem medo ou repressão.

Diante disso, é fundamental refletir sobre o papel de uma educação que promova o entendimento sobre o abuso de substâncias desde o início da infância, capaz de abordar os contextos sociais, culturais e individuais que envolvem o consumo de drogas. Como

ferramenta, a literatura infantil surge como um recurso potente para mediar esse diálogo desde os primeiros anos escolares. Por meio de narrativas simbólicas, personagens cativantes e situações próximas da realidade das crianças, os livros infantis têm a capacidade de abordar temas complexos de forma acessível e sensível.

É nesse ponto que a literatura infantil surge como um recurso pedagógico potente. Paiva et al. (2024) defendem que o tema pode ser introduzido desde os primeiros anos escolares, por meio de histórias, fantoches e narrativas simbólicas que abordem o assunto de modo sensível e lúdico. A literatura, nesse contexto, ajuda a criança a compreender o mundo, formular perguntas e elaborar sentidos sobre experiências humanas complexas inclusive aquelas relacionadas ao prazer, à exploração/compreensão dos seus limites e à responsabilidade.

A literatura voltada para o público infantil desempenha um papel central na formação cultural e educativa das crianças, sendo historicamente vinculada tanto à tradição oral quanto à escrita. Lopes e Navarro (2014, apud Pinati et al., 2017) explicam que, até o século XVIII, as crianças eram vistas como pequenas versões dos adultos, consumindo os mesmos conteúdos literários. Foi somente com a valorização da infância como uma fase distinta do desenvolvimento humano que a literatura passou a ser adaptada especificamente para esse público, ganhando novos formatos e funções.

Silva (2012) aponta que a literatura infantil não precisa se limitar a histórias de fantasia, contos de fadas ou mundos mágicos. Ela também pode abordar temas importantes do cotidiano e questões sociais, descritos pela autora como narrativas contemporâneas, que funcionam como uma ferramenta para ajudar as crianças a compreenderem a realidade ao seu redor. Por meio de narrativas que refletem situações vividas no dia a dia, os livros infantis oferecem espaço para reflexão, estimulando o pensamento crítico e emocional desde cedo.

O poder das narrativas contemporâneas é, mais do que nunca, entendido como o facto de terem múltiplos significados para o desenvolvimento da criança e contribuem para a riqueza psicológica e imaginativa de cada uma. Quer no domínio da fantasia, quer no domínio da ficção realista, o conto contemporâneo reflete problemas essenciais da existência humana, à semelhança do conto tradicional, mas vai também abrir-se a problemáticas novas, decorrentes de um olhar atento sobre o mundo que nos rodeia. (SILVA, 2012, p. 65-66).

Essas histórias podem tratar de temas como perdas, responsabilidades, medos e até assuntos mais delicados, como o uso de drogas. Elas criam oportunidades para que as crianças explorem sentimentos, tirem dúvidas e encontrem formas de lidar com os desafios do mundo real. Além disso, a literatura infantil permite que os leitores se conectem com os personagens e os enredos, seja por meio de situações fantásticas ou de narrativas próximas da sua realidade. Mais do que entreter, a literatura infantil também educa, desperta a curiosidade e incentiva a reflexão, contribuindo para a formação de leitores mais conscientes e preparados para enfrentar questões sociais ao longo da vida.

Diante da necessidade de abordar temas do cotidiano complexos com as crianças, como o uso de substâncias, tanto lícitas quanto ilícitas, torna-se essencial utilizar métodos que sejam acessíveis e adequados à faixa etária. A literatura infantil, com seu caráter lúdico e educativo, surge como uma ferramenta para promover a conscientização de forma mais leve. É preciso que, ao invés de esconderem a realidade, os responsáveis e professores ajudem as crianças a entenderem o mundo ao seu redor e ensinem a elas como se defender, preparando-as para situações em que nem sempre estarão sob sua proteção (PAIVA et al., 2024, p. 8). Entende-se, portanto, que essa preparação também inclui aprender a conviver com a presença das drogas no contexto social em que vivem.

Dessa forma, este estudo propõe-se a analisar como a literatura infantil e infantojuvenil disponível pode atuar como ferramenta educativa na abordagem da educação para as drogas, analisando de que modo esses livros contribuem para informar, prevenir e promover a construção da autonomia, do senso crítico e reflexivo das crianças em sua relação com o mundo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Histórias que abordam o tema das drogas de maneira adequada à idade têm o potencial de oferecer às crianças a oportunidade de explorar emoções, limites e escolhas por meio da linguagem lúdica e da fantasia. Como lembra Acselrad, “as poções mágicas são recorrentes nas histórias infantis” (ACSELRAD, 2013, p. 98), simbolizando desafios, riscos e possibilidades de superação. Trabalhar com essas narrativas permite iniciar o diálogo sobre drogas de forma que respeite a limitação inegociável: crianças não devem usar drogas! Não apenas por uma questão moral ou legal, mas porque os efeitos dessas substâncias são comprovadamente mais danosos em organismos em desenvolvimento.

Contudo, a educação não precisa se restringir a esse alerta de riscos. É possível e necessário ampliar a discussão, promovendo a compreensão do papel histórico e social das drogas na humanidade, seus diferentes usos em distintos contextos culturais, os significados do proibicionismo e seus impactos, bem como os problemas sociais relacionados ao tráfico, ao consumo abusivo e à estigmatização dos usuários. Portanto, discutir drogas com crianças não significa antecipar indevidamente conteúdo da vida adulta, mas oferecer oportunidades de reflexão crítica desde cedo, em uma perspectiva que valorize a autonomia em formação e respeite os limites de cada etapa do desenvolvimento.

A perspectiva do uso da literatura infantojuvenil como recurso pedagógico dialoga com a proposta de Acselrad (2013), para quem a educação sobre drogas deve ser guiada pelo princípio da autonomia e não pelo medo. Para ela, educar é promover a capacidade de escolha e de reflexão crítica, e não simplesmente evitar comportamentos socialmente reprovados. A autora ilustra essa ideia por meio de uma metáfora:

As crianças ainda hoje escutam a história da princesinha e dos reis, seus pais que, na festa de seu nascimento, convidam as fadas, mas negam o convite às bruxas. Rejeitadas, as bruxas rogam uma praga: quando crescer a menina irá se ferir com uma roca, e adormecerá para sempre. Os reis preocupados providenciam o banimento das rocas/drogas em todo o reino. Mas restou uma no sótão e sem saber como lidar com aquilo, a princesa se fere, adormece confirmando a maldição. Não teria sido melhor que ela aprendesse a conviver com as rocas? (ARATANGY, 1991 *apud* ACSELRAD, 2013, p. 98).

Assim, mesmo temas considerados “difíceis” podem e devem ser tratados na literatura infantil, desde que respeitem a linguagem simbólica e o desenvolvimento cognitivo das crianças.

No campo das políticas educacionais, Silva e Coelho (2022) destacam que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) consolidou o apagamento do tema das drogas, limitando-o a um conteúdo de Ciências no 6º ano do Ensino Fundamental. Esse recorte curricular reduz o debate à dimensão biológica e exclui perspectivas sociais, culturais e éticas. Pensando nesse cenário, a literatura infantil e infantojuvenil podem ser uma das poucas ferramentas capazes de reintroduzir a discussão em sala de aula de forma crítica, interdisciplinar e sensível.

Como afirma Vygotsky (1989, p. 97, *apud* ZANELLA, 2012, p. 98) “a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário”. Isso evidencia que, embora as crianças ainda não estejam aptas a tomar decisões sobre o uso de drogas, elas podem ser guiadas a compreender do que se trata e a desenvolver autonomia dentro de sua zona de desenvolvimento.

Segundo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Para o autor, “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (FREIRE, 1996, p. 67). Embora a defesa da autonomia seja central em Freire (1996), sua aplicação à infância exige cuidados. No caso das crianças pequenas, trata-se de um processo inicial de construção da autonomia, que não pode ser confundido com independência plena, mas que precisa ser mediado por interações sociais, pelo brincar e experiências significativas, de modo a consolidar um processo de preparação para que elas tomem decisões mais embasadas quando adultas.

Desse modo, a presente monografia se insere nesse campo ainda pouco explorado, propondo-se a analisar como obras de literatura infantil e infantojuvenil abordam o tema das drogas e quais sentidos educativos emergem dessas narrativas. Parte-se do pressuposto de que a literatura, ao articular imaginação e realidade, pode contribuir para formar leitores críticos, conscientes e autônomos capazes de compreender e dialogar sobre temas mais complexos desde a infância.

3. METODOLOGIA

Ao ingressar no Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED), meu primeiro trabalho de pesquisa, orientado pela professora Maria de Lurdes da Silva, consistiu em reunir artigos que tratavam do tema “educação e drogas” de modo geral. O objetivo era observar quais temas estavam sendo discutidos, quais autores escreviam sobre o assunto e quais abordagens predominavam na área. Após a entrega da pesquisa em uma das reuniões de bolsistas, a professora Maria de Lourdes sugeriu explorar também obras literárias voltadas ao público infantil que abordassem o tema das drogas, tanto lícitas quanto ilícitas. A pesquisa teve caráter qualitativo e, inicialmente, focou exclusivamente em literatura infantil destinada a crianças pequenas (a partir dos 6 anos). Contudo, devido

ao número reduzido de obras encontradas nesta faixa etária, o escopo foi ampliado para incluir também a literatura infantojuvenil.

Foram selecionados livros que apresentassem explicitamente temas educativos sobre drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, ou que abordassem a prevenção de forma didática. Inicialmente, a busca foi orientada por descritores amplos, como "literatura infantil sobre drogas" e "livros sobre drogas para crianças". Posteriormente, a pesquisa foi refinada com termos mais específicos, como "livros infantis sobre álcool" e "livros infantis sobre cigarro". A ilustração das capas também foi considerada como um critério inicial para identificar se os materiais eram voltados para crianças, auxiliando na seleção.

Durante a pesquisa, não foram definidos critérios específicos quanto à data de publicação ou país de origem, com o objetivo de incluir uma diversidade de perspectivas culturais sobre o tema. Os livros encontrados variam em datas de publicação de 1996 a 2021. Ao todo, foram identificados 13 títulos que, de forma ficcional ou informativa, abordam o tema das drogas para crianças. Embora todos estejam direcionados ao público infantil, alguns se enquadram como literatura infantil, enquanto outros transitam entre a literatura infantil e infantojuvenil. Apesar de não haver restrição inicial quanto ao idioma, foram encontrados três livros em inglês que, por decisão metodológica, não fizeram parte da análise final.

As obras tratam de temas relacionados ao álcool, tabaco e drogas em geral e pertencem a dois gêneros principais: ficcional e não ficcional (de caráter informativo). A pesquisa dos livros foi realizada em fontes online, como Google, plataformas de venda (Amazon e Estante Virtual), livrarias online e editoras. Esses canais foram escolhidos pela ampla oferta de materiais e pelo acesso facilitado a títulos voltados para o público infantil/infantojuvenil. A Tabela 1, apresentada a seguir, descreve as obras identificadas.

Tabela 1 - Obras de Literatura Infantil e Infantojuvenil sobre Drogas

Título	Ano	Autor	Editora
O que são drogas?	2006	Patrícia Engel Secco	Melhoramentos
Diga não às drogas e ao álcool: um guia para crianças	2006	Jim Auer	Paulus
A quadradinha de gude	2014	Oná Silva	Thesaurus
Dino contra as drogas	2021	Paulo Dias Fernandes	Edelbra
Drogas: saiba o mal que elas fazem à nossa saúde	2016	Miguel de Pijer	Tipa
Não às Drogas	2021	Gabriela Nasser	Autografia
Leozinho o detetive em: O caso misterioso	2021	Ed. Dunlop	APEC
Macaco, Leão ou Porco? O abuso do álcool e seus problemas	2010	Fernando Behrens	Global
Quando meu melhor amigo virou um zumbi	2014	Fernanda de Oliveira	Gráfica Brasil
Cannabis the cat goes to Washington	2021	Jerry Frye	Independently Published
Cannabis the cat to the rescue	2021	Jerry Frye	Independently Published

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Dos livros identificados, apenas cinco foram selecionadas para análise detalhada. A escolha considerou alguns critérios específicos: pertinência direta ao tema das drogas, clareza e adequação da linguagem ao público infantil, bem como aspectos visuais e editoriais que tornam a leitura mais atraente e acessível às crianças. A maioria das obras analisadas aparece classificada como infantojuvenil, sendo apenas uma indicada explicitamente, em sites de vendas, para crianças a partir dos 6 anos de idade. Entretanto, ao considerar aspectos como uso de letras em tamanho maior, tipo de linguagem e ilustração, é possível perceber que todos os livros, até os que possuem maior quantidade de texto por página, apresentam características que podem ser trabalhadas com crianças menores a partir de 5 anos.

Figura 1 - Capas dos livros selecionados



Fonte: Internet.

3.1 Instrumentos de análise de materiais pedagógicos sobre drogas

Nesse ponto, é importante destacar conceitos centrais para a análise de materiais pedagógicos sobre drogas. O conceito de Currículo Mínimo (CMI), abordado por Silva e

Coelho (2022). Esse currículo representa um conjunto fixo e repetitivo de conteúdos que predomina nos materiais pedagógicos sobre drogas no Brasil, centrando-se na classificação das substâncias, nos efeitos biológicos e nos danos causados pelo uso. Essa perspectiva reflete a influência das ciências biomédicas e tende a reduzir a questão das drogas a uma dimensão estritamente patológica, afastando-a de seus aspectos sociais, culturais e subjetivos. Essa crítica é essencial, pois evidencia a necessidade de uma educação que vá além da abordagem moralizante e da simples prevenção, promovendo o diálogo e a reflexão crítica, dimensões que a literatura infantil pode ajudar a resgatar.

Para analisar essa realidade, Silva e Coelho (2022) propuseram o Instrumento de Aferição Dual, (Anexo 1) uma ferramenta que permite avaliar materiais (para)didáticos e literários sobre drogas sob duas dimensões: a quantitativa, que observa a presença de determinados elementos curriculares, e a qualitativa, que considera o modo como esses conteúdos são abordados se de forma proibicionista ou aberta à perspectiva da Redução de Danos.

A incorporação desses dois conceitos é essencial neste trabalho, pois o CMI ajuda a compreender as limitações do ensino tradicional sobre drogas, enquanto o Instrumento de Aferição Dual (Anexo 1) oferece uma base metodológica para identificar se as obras analisadas reproduzem ou rompem com essa lógica. Assim, a literatura infantil pode ser vista não apenas como meio de prevenção, mas como espaço de construção de sentidos e de promoção da autonomia das crianças.

O objetivo central deste trabalho é compreender como a literatura infantil e infantojuvenil aborda o tema das drogas, investigando as mensagens transmitidas nas histórias e sua adequação ao público-alvo. Além disso, analisa-se como as drogas são representadas em cada obra, observando se há definições ou classificações, os efeitos mencionados no organismo, a presença ou ausência de formas de tratamento e as estratégias preventivas sugeridas aos leitores. Para isso, utiliza-se como base o Instrumento de Aferição Dual, (Anexo 1) proposto por Silva e Coelho (2022), este instrumento, permite avaliar de forma sistemática os materiais didáticos e paradidáticos sobre drogas, considerando tanto aspectos qualitativos, como a abordagem e a complexidade das informações, quanto aspectos quantitativos, como a presença de estratégias preventivas e informações sobre efeitos, classificação e formas de tratamento.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Aqui, passamos à análise dos livros selecionados.

4.1. *O que são drogas?* (2010), de Patrícia Engel Secco

Publicado pela Editora Melhoramentos, a obra integra a série Felício Feliz, que busca explicar temas complexos de forma lúdica e acessível ao público infantil. Para essa pesquisa foi consultada a 2ª edição, 4ª impressão, publicada em 2010. Não foram encontradas edições mais recentes da obra. A autora, Patrícia Engel Secco atuou no mercado financeiro durante 12 anos, e há alguns anos se dedica à literatura infantil. Já publicou diversas obras abordando temas como meio ambiente, cidadania, saúde e prevenção ao uso de drogas, neste caso, o livro aqui analisado.

O exemplar analisado apresenta um adesivo alusivo à Campanha da Fraternidade de 2012, cujo tema foi “Fraternidade e Saúde Pública”. No entanto, não há registros oficiais que confirmem o uso efetivo do livro nas ações da Campanha da Fraternidade, de modo que é possível apenas afirmar que há indícios de uma associação entre a obra e as iniciativas educativas daquele período, especialmente pelo alinhamento temático entre o conteúdo do livro e a proposta de disseminar o conceito de bem-viver e incentivar hábitos de vida saudáveis.

Voltada para o público infantil a partir dos seis anos, a obra busca explicar, de maneira clara, o que são as drogas. A narrativa se desenvolve em uma sala de aula, quando os personagens compartilham com a professora preocupação em relação ao primo de um colega mais velho, que estuda no sexto ano e estaria fazendo uso de drogas. O livro, no entanto, não especifica qual substância está em questão. Diante desse problema, a professora questiona os alunos sobre o que entendem por drogas e, a partir daí, inicia uma explicação dialogada que conduz toda a história.

A professora introduz a definição às crianças: “As drogas, das quais ouvimos falar tanto, são substâncias que modificam o modo como as pessoas pensam, agem e sentem. “E vocês sabem como as drogas fazem isso? Agindo sobre o nosso cérebro!” (SECCO, 2006, p. 8). A dinâmica da narrativa baseia-se em perguntas e respostas, com a professora assumindo o papel de mediadora, esclarecendo dúvidas de forma direta. Voltada para

crianças pequenas, a abordagem é simples, levando em conta que muitas delas podem não ter nenhum conhecimento prévio sobre o tema.

A narrativa não se restringe às drogas ilícitas, mas também aborda aquelas que são lícitas e socialmente aceitas. Em determinado momento, os personagens questionam se o álcool e o cigarro, apesar de permitidos por lei, também fazem mal à saúde. A professora, então, explica que a nicotina presente no cigarro é uma droga estimulante, cujos componentes químicos da fumaça são extremamente prejudiciais ao organismo. O mesmo ocorre com o álcool, que, mesmo sendo legalizado, pode trazer sérios riscos quando consumido em excesso. Além disso, os medicamentos também são mencionados como um tipo de droga que precisa ser usado com cautela: apenas sob prescrição médica e sempre com supervisão de um adulto.

O conflito do personagem que faz uso de drogas, é apresentado de forma simplificada: ele manifesta o desejo de parar, mas enfrenta dificuldades. Seus amigos indicam como caminho o apoio da família, a orientação de profissionais especializados e a valorização das experiências positivas da vida. O livro explica que as drogas atuam no centro de prazer do cérebro, provocando uma sensação artificial de bem-estar. Em vez de negar que o uso de drogas pode proporcionar prazer, a narrativa descreve esse prazer como “anormal” e alerta para os riscos da dependência, enfatizando que “todas as coisas que nos ajudam a sobreviver, como comida, bebida e descanso, nos dão prazer. E a sensação de prazer, como todas as outras sensações, vem do cérebro. É lá que as drogas agem” (SECCO, 2006, p. 10). Dessa forma, a obra sugere que valorizar vivências simples e seguras constitui uma forma de prevenção, mostrando às crianças que o prazer pode ser alcançado de maneira saudável, sem comprometer a saúde.

4.2. *Macaco, Leão ou Porco? o abuso do álcool e seus problemas* (2010), de Fernando Behrens e Gian Calvin

Escrito por Fernando Behrens, *Macaco, Leão ou Porco? o abuso do álcool e seus problemas* integra a coleção *Crianças Criativas*, publicada pela Editora Global. A obra foi recomendada pelo Movimento Nacional de Educação contra os Males do Álcool. Embora não tenham sido encontrados registros específicos sobre esse movimento, essa indicação reforça o caráter educativo e preventivo do livro, evidenciando sua intenção pedagógica e social. Em sua 3ª edição, lançada em 2010, a mais recente disponível, o

livro tem como propósito ajudar crianças que enfrentam situações difíceis em casa, ocasionadas por pais alcoólatras, a lidar com seus sentimentos e problemas, mostrando que não estão sozinhas e que podem buscar apoio.

A obra retrata como o alcoolismo afetou os moradores da cidade de Alegria e, de maneira sensível, apresenta as dificuldades vividas pelas crianças diante dessa realidade. O livro destaca os danos físicos e os efeitos do álcool sobre o cérebro, mostrando como o abuso da bebida pode prejudicar o raciocínio, provocar mudanças de comportamento, agressividade e perda de controle

A história é narrada sob a perspectiva de personagens infantis, que observam o comportamento dos adultos e tentam entender por que eles bebem e como isso os transforma. O uso das figuras do macaco (brincalhão), do porco (desleixado) e do leão (agressivo) simboliza diferentes efeitos do álcool nas pessoas. Essa metáfora ajuda o público infantil a identificar padrões de comportamento sem recorrer a uma explicação técnica ou científica complexa. Entretanto, apesar de didático e acessível ao público infantil, o uso dessas metáforas pode reforçar estereótipos sobre os animais, associando comportamentos humanos a características simplificadas de cada espécie.

O livro aborda temas sensíveis, como violência doméstica e abuso infantil, porém, em alguns momentos, essas informações se tornam ambíguas em relação à forma como a criança deve lidar com a violência e o sofrimento causado pelo alcoolismo dos pais. Através do diálogo o autor incentiva que os personagens procurem ajuda de um adulto, como vizinhos, professores e até mesmo a polícia, com falas como: “Quando seu pai ou sua mãe ou qualquer outra pessoa estiverem bêbados, vá para longe deles. Eles estão doentes da cabeça e não sabem! Peça ajuda a um vizinho, professor, amigo ou até a polícia.” (BEHRENS,2010, P. 24).

Há relatos dos personagens infantis que expressam experiências de violência e superação, como: “Meu tio quase se aproveitou de mim. Graças a Deus consegui pedir ajuda a um vizinho, que chamou a polícia. Meu tio parecia um macaco tarado” e “Meu pai me batia muito. Já cheguei até a fugir de casa por causa dele”. (BEHRENS, 2010, P. 23)

Porém em outros momentos, o texto enfatiza que a criança deve compreender que seus pais estão doentes e, apesar do sofrimento causado, é preciso perdoá-los: “quem bebe não é vagabundo, mas está doente. Doente da cabeça e do corpo. Por isso, faz coisas que muitas vezes não quer, como machucar a família.” (BEHRENS, 2010, p.14) e “Eu aprendi a entender os meus problemas, a perdoar a mim e a meus pais. Isso é bom!” (BEHRENS, 2010, p.23)

Além disso, são apresentadas práticas que os personagens utilizam para lidar com o sofrimento interno, como rezar e conversar com Deus ou extravasar a raiva de seus pais. “Quando Eu sinto muita raiva de meus pais, eu vou pro meu quarto, pego um travesseiro e começo a socá-lo. Então eu me lembro que posso amá-los apesar da doença, e a raiva diminui” (BEHRENS, 2010, p. 20). E “Quando estou sozinho, rezo e falo com Deus, como um anjo da guarda. peço ajuda para mim, para os meus amigos e para os meus pais. Quando descobrimos o amor de Deus, vivemos melhor.” (BEHRENS, 2010, p. 21).

Neste trecho, observa-se que a obra apresenta a fé como uma espécie de refúgio individual para que o personagem lide com a dor causada pelo uso de drogas pelos pais. O leitor pode ser conduzido à ideia de que a espiritualidade funciona como uma solução silenciosa para atravessar situações de sofrimento que, na realidade, exigem suporte social, emocional e institucional.

De fato, existem na literatura inúmeros estudos que apontam a fé como um elemento que pode auxiliar no enfrentamento da dependência química. Comunidades terapêuticas, por exemplo, utilizam práticas espirituais como parte do processo de reabilitação, e há pesquisas que discutem os benefícios desse apoio religioso para pessoas em situação de sofrimento. Entretanto, quando a história apresenta a fé e o perdão como via de enfrentamento, corre-se o risco de que a criança compreenda que apenas lhe cabe “rezar” e “perdoar” para que a situação se transforme. Essa ambiguidade pode levar a criança à naturalização do comportamento agressivo e irresponsável dos pais ou familiares, reforçando a ideia de que tais comportamentos são algo inevitável ou inerente à condição vivida. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990, estabelece vários direitos fundamentais das crianças e adolescentes, incluindo a proteção contra qualquer forma de negligência, violência ou opressão. “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento

desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor." (BRASIL, 1990, Art. 18).

A narrativa apresenta um momento importante: quando as crianças não aguentam mais ver seus familiares adoecidos, elas decidem se reunir para tentar transformar a realidade da cidade de Alegria. Procuram a escola e a orientação dos professores e elaboram um conjunto de propostas para levar ao prefeito da cidade, que também já não sabe mais como lidar com os problemas causados pelo abuso de álcool. Entre as medidas sugeridas estão: promover campanhas que mostrem os males do álcool; ensinar nas escolas “como construir uma vida melhor sem álcool e sem drogas”; incentivar a busca por ajuda em grupos como Alcoólicos Anônimos (A.A.), o Al-Anon (voltado para familiares); punir quem comercializar álcool para crianças; orientar sobre não beber e dirigir; criar um imposto sobre o álcool para financiar tratamentos e reparar danos ocasionados pelo abuso; além de reforçar a fiscalização para que todas essas medidas sejam cumpridas.

Embora algumas das medidas sugeridas na narrativa já existam na realidade e façam parte de políticas públicas de prevenção, há um ponto sensível: ao sugerir que as próprias crianças identifiquem medidas e encaminhem soluções, o livro, mesmo que dialogue com temas importantes e apresente redes de apoio como o A.A. e o Al-Anon, acaba simplificando demais o problema. Essa simplificação pode levar o leitor infantil a acreditar que mudanças estruturais dependem principalmente das ações das crianças, o que não corresponde à vida real.

4.3. *Que Mal Tem?* (2019), de Paulo Leme Filho e Paulo de Abreu Leme

Escrito pelo advogado Paulo Leme Filho, fundador da ONG *Vai Valer a Pena*, voltada à prevenção e conscientização sobre a dependência química, e por seu pai, o médico Paulo de Abreu Leme (falecido em 2022, aos 82 anos), o livro *Que Mal Tem?* 1ª edição, foi publicado pela Editora Scortecci e está em sua 2ª edição atualmente. Em suas obras, os autores compartilham não apenas experiências profissionais, mas também pessoais, pois segundo relatam, estão em abstinência há mais de 22 anos (Paulo Leme Filho) e mais de 30 anos (Paulo de Abreu Leme).

O sucesso do primeiro livro da dupla, *A Doença do Alcoolismo* (Scortecchi, 2015), voltado ao público adulto, deu origem a uma série de palestras em escolas, grupos de apoio e entrevistas voltadas à prevenção e conscientização da dependência química. A partir dessa repercussão e do trabalho realizado com a ONG, surgiu a ideia de criar uma obra voltada ao público infantojuvenil e familiar, resultando em *Que Mal Tem?*

Em *Que Mal Tem?* a narrativa acompanha Diogo, um garoto cuja trajetória vai dos 13 anos até o ingresso na faculdade, por volta dos 18 ou 19 anos. O livro mostra como o uso de álcool e maconha influencia sua vida e o leva a situações de vulnerabilidade, inclusive a viver nas ruas. A história começa com uma cena cotidiana: o avô, oferece um “golinho” de cerveja ao neto, apesar da desaprovação da mãe. O trecho abaixo ilustra bem essa situação:

Quase todo mundo que ele conhecia bebia cerveja: o pai, a mãe, os tios e o avô. Foi por isso que ele, no aniversário do avô, pediu para tomar um gole, justo no copo do aniversariante. O avô ficou todo orgulhoso. — Esse aqui já é homem de verdade. A mãe reclamou um pouquinho, mas deixou para lá. Afinal, um golinho só, que mal tem? (LEME FILHO; LEME, 2019, p. 7).

O livro aborda a temática das drogas de forma indireta e subjetiva, construída a partir da experiência do personagem principal. Não apresenta uma definição formal do que são drogas, nem uma classificação entre tipos ou legalidade, mas revela, por meio das vivências do protagonista, os efeitos físicos, emocionais e sociais do abuso do álcool. Esses efeitos incluem euforia inicial, mas também declínio escolar, conflitos familiares e isolamento, apresentados de forma gradual na narrativa.

Em determinado momento, o personagem Diogo experimenta maconha pela primeira vez após beber, influenciado por um amigo que também fumava. O texto deixa claro que o personagem já tinha ouvido da mãe, que maconha era uma “coisa horrível”, porém não deu importância, afinal, se seu amigo estava fumando, que mal teria fumar também. “Diogo se sentiu engraçado, começou a achar tudo engraçado, deu muita risada, tudo era uma piada. Agora, quando bebia, Diogo também fumava maconha”. (LEME FILHO; LEME, 2019, p. 13). No entanto, o livro não foca na maconha; a ênfase permanece no álcool, que é retratado como a substância central e mais destrutiva na trajetória do personagem. Assim, ainda que o enredo indique uma relação entre o consumo de álcool e o início do uso de outras drogas, o foco principal da narrativa é o

alcoolismo e suas consequências, apresentando-o como o problema mais evidente na vida do personagem.

O agravamento da dependência de Diogo é descrito de maneira clara e impactante, mostrando a progressiva perda de controle e as consequências do uso abusivo de álcool:

Daí começaram os ‘probleminhas’. Que na verdade eram mesmo uns problemões. Diogo só pensava em beber. Nem precisava ser cerveja. Podia ser qualquer coisa que tivesse álcool dentro. Porque era o álcool que dava aquela ‘ALEGRIA’ gostosa. (LEME FILHO; LEME, 2019, p. 14).

A narrativa se torna ainda mais intensa ao retratar o sofrimento familiar diante da deterioração do personagem:

Ruim mesmo foi quando o irmãozinho, que já era menino, estava jogando videogame e viu o Diogo chegar todo sujo, caindo sozinho. O irmãozinho ficou com medo e foi correndo para o quarto. E o Diogo caía. E caía. E caía... (LEME FILHO; LEME, 2019, p. 15).

Embora não traga explicações científicas sobre o funcionamento das drogas no organismo, a narrativa evidencia os danos causados e a progressiva dependência. A abordagem é centrada na abstinência e no tratamento, com destaque para a internação em clínica de recuperação, apoio profissional e grupos de ajuda. É importante destacar que, por se tratar de uma obra voltada ao público infantil, não caberia a ela aprofundar aspectos técnicos ou clínicos da dependência, e sim apresentar o tema de maneira introdutória e reflexiva.

O personagem demora a aceitar que o único tratamento para quem tem a doença do alcoolismo, é a abstinência total, e se mostra inconformado por seus amigos poderem beber, enquanto ele, não. Ele considera essa situação injusta, mas, à medida que entende sua condição, começa a refletir sobre a falta de informação a respeito das consequências do uso abusivo do álcool.

No final da narrativa, o autor encerra com uma reflexão expressa pelo próprio narrador, em tom de questionamento: O que Diogo não entendia era porque essas coisas não eram explicadas direito às pessoas. Bem, alguém tem que fazer essa parte. Você não acha?” (LEME FILHO; LEME, 2019, p. 27).

Embora o livro apresente o alcoolismo como uma doença e destaque a importância da abstinência e do tratamento, ele também convida à reflexão sobre o contexto social em que as drogas estão inseridas. O primeiro contato de Diogo com o álcool acontece no ambiente familiar, quando o avô lhe oferece um “golinho” de cerveja situação que revela como o acesso a bebidas pode começar dentro de casa, ainda na infância. Esse aspecto reforça o que diz Paiva et al. (2024), que as crianças muitas vezes têm o primeiro contato com o álcool no próprio lar, o que evidencia a necessidade de abordar o tema não apenas pela via da proibição, mas por meio do diálogo, da informação e da construção de atitudes conscientes frente à presença das drogas na sociedade.

4.4. *Diga Não às Drogas e ao Álcool: Um guia para crianças (2008), de Jim Auer*

Publicado pela Editora Paulus em sua 1ª edição, em 2008, *Diga Não às Drogas e ao Álcool: Um guia para crianças* integra a coleção *Terapia Infantil*, composta por 43 títulos de diversos autores. Essa coleção tem como proposta auxiliar crianças a compreender e lidar com sentimentos e situações do cotidiano, abordando temas como medo, morte, tristeza, raiva, respeito, separação, certo e errado, entre outros.

O livro tem como título original *Know How to Say No to Drugs and Alcohol: A Kid's Guide (2007)*. Voltado ao público infantil, o guia busca orientar de forma simples e direta sobre os riscos do uso de drogas e bebidas alcoólicas, apresentando o assunto de maneira acolhedora, como uma conversa entre o autor e o leitor. Jim Auer é professor aposentado, autor de diversos livros, artigos e contos, e reside, nos Estados Unidos. Até o momento, não foram encontradas novas edições da obra.

No início do guia, há uma mensagem dirigida aos adultos pais, professores e responsáveis, convidando-os à reflexão sobre a importância de iniciar desde cedo o diálogo com as crianças sobre álcool e drogas.

A educação sobre drogas e álcool deve ser dada desde cedo. De acordo com estudos, a idade média com que uma criança experimenta álcool é 11 anos. Maconha: 12. (Recordando, isso não significa que todos vão provar.) A mensagem deve ser repetida regularmente, mas sem se tornar irritante, cansativa. Os adultos podem esperar respostas como: ‘Sim, já sei’. Mesmo assim, tente. Explique que importantes mensagens (assim como ‘eu te amo’) devem ser repetidas várias vezes. (AUER, 2008, s/p).

O autor também questiona a crença comum de que “meu filho nunca usaria isso”, lembrando que até jovens considerados “corretos” podem, em algum momento, experimentar substâncias. (AUER, 2008, s/p). Auer reforça que a educação sobre drogas deve ser constante e natural, aproveitando situações cotidianas como notícias, conversas ou fatos para abrir espaço ao diálogo e ouvir as percepções infantis.

Outro ponto da mensagem diz que conversar e perguntar a opinião das crianças em momentos oportunos aproveitando um fato, notícias etc., são formas de proteção, mais eficazes do que discursos repetidos. Ele também chama atenção para o poder do exemplo, afirmando que atitudes incoerentes, expressas no conhecido “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, acabam minando a credibilidade dos adultos.

Seguindo a narrativa já voltada para o público infantil, o livro inicia com uma conversa próxima com o leitor, abordando seus sonhos e perspectivas para o futuro. O autor afirma que, mesmo que a criança ainda não saiba o que quer ser quando crescer, certamente deseja ser feliz e saudável, e que as pessoas que a amam, assim como Deus, também querem isso. Por esse motivo, explica que essas pessoas procuram protegê-la de coisas ruins que podem destruir seus sonhos, como o álcool e as drogas. No entanto, o autor enfatiza que isso só acontecerá se a própria criança permitir, reforçando a ideia de responsabilidade pessoal e poder de escolhas futuras.

O livro explica o que é o álcool, mostrando que ele está presente em bebidas como: cerveja, vinho e cachaça, e enfatiza que essas bebidas não são como água ou refrigerante, elas alteram a forma como a pessoa age e sente. O autor explica que: “os adultos podem beber álcool. Eles sabem como fazer isso com segurança. Isso significa não beber muito e não beber todos os dias”. (AUER, 2008, s/p). E enfatiza que crianças não podem beber álcool, porque ele é ainda mais poderoso no corpo de uma criança, pois o corpo dela é mais sensível. Fazendo uma comparação de que o álcool é com uma caixa pesada demais para ser carregada por uma criança.

Ao falar sobre as drogas, o livro mostra que elas podem estar em formas diferentes como: comprimidos, fumaça e líquido que afetam o humor, o corpo e as atitudes. Há uma distinção entre “drogas boas”, como os remédios receitados por médicos, e “drogas ruins”, aquelas usadas sem necessidade, apenas para sentir algo diferente. E que mesmo as drogas “boas” podem ser prejudiciais se usadas de maneira errada.

Essa distinção reforça uma perspectiva drogacêntrica, que atribui às substâncias um valor moral de bondade ou maldade. Como destacam Araújo e Moreira (2006), apoiando-se em Escohotado, as classificações atribuídas às drogas são construções sociais, influenciadas por contextos históricos e culturais. Assim, do ponto de vista educativo, é essencial mostrar às crianças que não existem drogas boas ou más por natureza: o que define risco ou benefício é o modo de uso, o contexto, a orientação e as condições em que esse uso ocorre e não um poder inerente às substâncias.

Sem recorrer a termos técnicos, o autor aborda os efeitos do uso de substâncias: sensação de estar “alto”, ficar doente, confuso, cometer erros, se afastar da família e dos amigos. Também destaca o risco do vício e os problemas que ele traz, como: dificuldades escolares, brigas em casa, com a polícia e sentimentos de vergonha. São usadas metáforas fáceis de entender, como um avião que parece prometer um voo rápido para os sonhos, mas que sempre acaba caindo.

A abordagem adotada pelo livro é clara: a criança deve aprender a dizer não! O livro reconhece a realidade social a de que adultos (pais ou responsáveis) consomem álcool ou outras substâncias lícitas e estabelece um limite de conduta baseado na imaturidade e na legalidade da criança. Nessa perspectiva, o "dizer não" torna-se um ato de cuidado presente, essencial para a preservação da saúde e do desenvolvimento infantil.

A ideia da abstinência é reforçada como o caminho mais seguro. O autor reconhece que nem sempre é fácil resistir à pressão dos colegas, mas encoraja a criança a se manter firme e a confiar que amigos de verdade não a forçariam a fazer algo errado.

Outro aspecto sensível abordado na obra é a situação das crianças que convivem com adultos dependentes de álcool ou drogas. Para esses casos, o livro traz alguns conselhos: a criança não deve se culpar, deve manter o amor por quem sofre e buscar apoio de adultos confiáveis. (AUER, 2008, s/p).

Sabe-se que sentimentos de responsabilidade ou vergonha são comuns nesse contexto, mas injustos e prejudiciais ao desenvolvimento da criança. Ao mesmo tempo, o autor reforça que a criança pode manter o amor por quem sofre com a dependência, distinguindo a pessoa da doença e preservando vínculos afetivos. Também, ressalta a necessidade de buscar apoio de adultos confiáveis, lembrando que lidar com essa situação

não é tarefa infantil e que a presença de familiares, educadores ou cuidadores capazes de acolher e orientar é fundamental para garantir segurança emocional e compreensão do problema. Por fim, o livro consegue tratar de um tema difícil com uma certa leveza, sem deixar de lado a seriedade da mensagem.

4.5. *A Quadradinha de Gude* (1996) e *A Quadradinha de Gude* (2014), de Onã Silva

O livro *A Quadradinha de Gude*, de Onã Silva, enfermeira, escritora, mestre em Educação e graduada em Artes Cênicas teve sua primeira edição publicada em 1996, pela Cultura Gráfica Editora. A obra contou com apoio cultural do Fundo de Apoio à Arte e Cultura (FAAC), Lei nº 158/91, da Secretaria de Cultura e Transportes do Distrito Federal. Já a 2ª edição de 2014 foi publicada pela Thesaurus Editora e apresenta uma nova capa, texto revisado e ilustrações inéditas, além de incluir, ao final, atividades lúdicas, como jogo dos erros, páginas para colorir e propostas de atividades que podem ser desenvolvidas com crianças.

O livro mistura fantasia e a imaginação do personagem infantil para tratar de temas sérios, embora o eixo central da história esteja ligado ao tema das drogas, o texto também permite trabalhar outras questões importantes para a infância, como o cuidado ao falar com desconhecidos, a atenção diante de convites duvidosos e a importância de não aceitar qualquer coisa que lhe é oferecida, mesmo que pareça atraente ou divertida.

A narrativa apresenta a história de Daniel, um menino que, ao voltar da escola, encontra um homem descrito como “magricela”, retratado como alguém muito magro, de aparência desleixada e cabelos bagunçados. Esse personagem desperta a curiosidade do garoto ao lhe mostrar uma bolinha de gude quadrada, um objeto diferente, misterioso e atraente para uma criança. O homem então afirma que possui várias outras iguais em sua casa e convida Daniel para ir até lá. Mesmo demonstrando resistência inicial, Daniel acaba sendo convencido pelo discurso do magricela, que insiste dizendo que é “pertinho” e que “não tem problema”.

Vemos que essa representação dialoga com o imaginário comum nas histórias infantis, em que o “vilão” aparece de forma caricatural, com traços exagerados, aspecto desleixado e aparência que remete a perigo. Sobre isso, Silva, Coelho e Guimarães (2019) explicam que a desumanização da figura do traficante é intencional e funciona como um

recurso didático moralizante, aproximando-o de bruxas, monstros ou antagonistas típicos das histórias infantis. Esse tipo de construção, segundo os autores, contribui para naturalizar uma visão mais punitiva, reforçando a ideia de que o traficante “merece” violência, prisão ou maus-tratos.

Os autores também alertam que é um equívoco acreditar que crianças e jovens são, em geral, aliciados por desconhecidos. Para eles, as formas de acesso às drogas costumam estar inseridas na dinâmica familiar, no bairro ou no grupo de amigos, e não em encontros isolados com figuras estranhas e ameaçadoras.

Ao longo do caminho, Daniel começa a demonstrar cansaço e medo. Ele pede para voltar para casa e insiste que não quer mais acompanhar o magricela. É nesse momento que o personagem intensifica sua estratégia de manipulação: pede que o menino “fique calmo”, promete que nada de ruim vai acontecer e, para “ajudá-lo a relaxar”, oferece algumas “balinhas”, mas que, na verdade, são drogas. Enganado pela fome e a aparência inofensiva, Daniel aceita e começa a mastigar as balinhas. Logo depois, sente os efeitos da substância, revelando de forma clara o perigo ao qual foi exposto.

O garoto, todo lambuzado daquelas balas estranhas, zozinho, zozinho, sorriu, chorou, pulou, bateu palmas e pensou que estava voando. Zum, zum, zum... Ele agora imitava um avião. Depois da sensação de ter voado, sentiu o corpo leve, ele rodopiou e bateu em si mesmo, como se alguma coisa mordesse seu próprio corpo. — E esses bichos horríveis? Estão me mordendo... Estou num labirinto... Estou dentro de um redemoinho... Estou num liquidificador... Para... para... Daniel parou de rodopiar e sentiu algo que parecia estar cutucando suas costas. Ao se virar, deparou-se com uma caveira horrorosa e começou a gritar assustado: — Socorro! (SILVA, 2014, 20).

A caveira é apresentada como fruto das alucinações de Daniel, desencadeadas pelas drogas que ele havia consumido. A seguir, a caveira assume a função de advertir: “Bobinho! Você logo estará assim como eu. Você chupou bolinha que são drogas, e não balinhas” (SILVA, 2014, 22), associando o consumo ao adoecimento e à deterioração do corpo. Ao mesmo tempo, descreve efeitos das substâncias, afirmando que quem usa drogas fica parecendo um bobão, com os olhos vermelhos, a língua seca, além de imaginar que está “viajando” e ter alucinações horríveis. Também menciona que algumas drogas tiram o apetite e fazem a pessoa “perder a vontade de comer”, o que a levaria a “virar uma caveira charmosa” como ela mesma. (SILVA, 2014, 23). Trata-se de um recurso narrativo que combina fantasia e dramatização para transmitir à criança, de forma

impactante, os perigos associados ao uso de drogas. A história recorre ao medo para convencer. A droga transforma o mundo do menino em um pesadelo; é um alerta, “Este é o resultado se você não conseguir escapar das drogas. Saia dessa.” (SILVA, 2014, 22).

Ao final da narrativa, Daniel é encontrado por seus pais, que o acolhem e o levam para casa em segurança. Ainda receoso, o menino vai para o seu quarto e, entre seus pertences pessoais, encontra seu “Gudes da Saúde” um pequeno guia que ele mesmo havia guardado, mas esquecido com o tempo. Nesse guia, aparecem orientações de prevenção com dicas simples, como não aceitar presentes de estranhos, conversar com a família, evitar brigas e buscar atividades divertidas. Ao lembrar dessas recomendações, Daniel fica triste por ter se deixado enganar pelo “magricela”.

Em seguida, seus pais entram no quarto para uma conversa. Na edição de 2014, há uma ênfase maior nesse momento, destacando o diálogo entre Daniel e seus responsáveis. Eles o orientam a sempre contar a verdade, pedir ajuda quando se sentir inseguro e jamais aceitar ofertas de desconhecidos. Essa conversa funciona como um fechamento moral da história, reforçando a importância da confiança, do cuidado familiar e da busca por apoio adulto diante de situações de risco.

A história não define nem classifica o que é a droga em termos objetivos, apenas descreve de forma simples os sintomas que ela causa no organismo. O foco é narrativo e simbólico, apostando no exagero e na fantasia para marcar o perigo. Não menciona formas de tratamentos para quem já está envolvido com drogas, mas sim propostas de prevenção, destacadas de forma lúdica e didática ao final da obra, como: não aceitar presentes de desconhecidos, conversar com a família, evitar más companhias e ocupar o tempo com atividades saudáveis. Não há uma abordagem mais profunda que relacione o uso de drogas às questões sociais, emocionais ou familiares.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou livros da literatura infantil e infantojuvenil com propostas de atuar como ferramentas educativas na abordagem às drogas na educação, investigando de que maneira essas narrativas exploram o tema. A pesquisa se insere em uma lacuna evidente, já que grande parte da produção acadêmica e pedagógica ainda tarda

na discussão sobre as drogas na infância, concentrando-se prioritariamente em adolescentes e jovens.

A análise revelou que os livros abordam o tema de formas variadas, dialogando com crianças em diferentes condições de vulnerabilidade. Algumas obras focam na prevenção e na informação básica, como *Diga Não às Drogas e ao Alcool* (AUER, 2008) e *A Quadradinha de Gude* (SILVA, 2014). Outras, como *Macaco, Leão ou Porco?* (BEHRENS, 2010) e *Que Mal Tem?* (LEME FILHO; LEME, 2019), dialogam com crianças que vivenciam o uso ou abuso de drogas por familiares. Em todas elas, destaca-se a necessidade de promover autonomia, diálogo, e reflexão crítica., conforme ressalta Acselrad (2013). Também em conformidade com Silva e Coelho (2022), observou-se que a maioria das obras segue o Currículo Mínimo Irredutível (CMI), concentrando-se principalmente em classificar as drogas, descrever seus efeitos biológicos e os danos que causam no organismo, isso se manifesta não apenas pela abordagem direta, mas também de forma indireta onde a linguagem é lúdica e adaptada para o público infantil. Além de adotar estratégias de prevenção baseadas na abstinência. Essa predominância evidencia uma reprodução de conteúdo já consolidados, limitando abordagens mais amplas sobre as dimensões sociais e culturais do uso de substâncias, crítica também apontada por Silva Cardoso et al. (2013).

A forte presença de discursos proibicionistas também merece reflexão. Obras como *Diga Não às Drogas e ao Alcool* (AUER, 2008) recorrem ao medo e à interdição, o que cumpre a função protetiva essencial na infância, mas precisa ser problematizado à luz da Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1996). O desafio está em articular a necessária proteção infantil com uma formação pautada no diálogo, no cuidado e no fortalecimento do senso crítico sem recorrer ao moralismo ou à criminalização simplista, como ocorre em *A Quadradinha de Gude*.

Ainda assim, os livros analisados demonstram que é possível abordar o tema das drogas com crianças sem comprometer seu desenvolvimento emocional ou cognitivo. Embora apresentem uma perspectiva predominantemente marcada pelo amedrontamento, pela interdição e pela ênfase nos danos, essas obras também fazem uso de uma linguagem sensível e acessível, recorrendo a metáforas, personagens simbólicos e recursos lúdicos que favorecem a compreensão do leitor infantil. Como apontam Acselrad (2013) e Paiva et al. (2024), recursos narrativos dessa natureza criam um espaço seguro para perguntas,

acolhimento e construção de sentido. Assim, mesmo dentro de suas limitações conceituais, os livros conseguem abrir caminhos de diálogo e proteção, permitindo que o tema possa ser trabalhado de forma significativa. Dessa forma, a literatura infantil se revela uma porta de entrada potente para recolocar o debate na escola, reconhecer experiências reais vividas pelas crianças e oferecer caminhos educativos que unam proteção e autonomia. Ampliar esse campo, incentivando produções que superem o CMI e incorporem perspectivas de cuidado, direitos e complexidade social, é fundamental para formar leitores mais conscientes, críticos e preparados para lidar com um tema tão presente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ACSELRAD, Gilberta. Drogas, a educação para a autonomia como garantia de direitos. **Revista da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro**, v. 16, n. 63, p. 96-104, 2013. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista63/revista63_96.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.
- ARAÚJO, Marcelo Ribeiro; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. Histórias das drogas. In: SILVEIRA, Dartiu Xavier da; MOREIRA, Fernanda Gonçalves (org.). **Panorama atual de drogas e dependências**. São Paulo: Editora Atheneu, 2006. p. 9-14. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernanda-Moreira-8/publication/230824004_Panorama_Atual_de_Drogas_e_Dependencias/links/60213b9792851c4ed55810c8/Panorama-Atual-de-Drogas-e-Dependencias.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.
- AUER, Jim. **Diga não às drogas e ao álcool: um guia para crianças**. São Paulo: Paulus, 2008.
- BEHRENS, Fernando. **Macaco, leão ou porco?** São Paulo: Global Editora, 2004.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 06 mar. 2025.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar**. Juiz de Fora: UFJF, 2014. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/12697>. Acesso em: 31 out. 2025.
- COELHO, Francisco José Figueiredo; SILVA, Maria de Lourdes da. Argumentos a favor de um instrumento de aferição dual sobre programas e materiais didáticos/paradidáticos em educação sobre drogas. In: CONGRESSO SCIENTIARUM HISTORIA, 15., 2022, Rio de Janeiro. **Anais do 15º Congresso Scientiarum Historia**. Rio de Janeiro: CCMN/UFRJ, 2022. p. 386-398.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ccca/contents/documentos/noticias/pedagogia-da-autonomia-livro-completo.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2025.
- LEME FILHO, Paulo; LEME, Paulo de Abreu. **Que mal tem?** 2. ed. Ilustrações de Mauro Freitas. São Paulo: Scortecci, 2019.
- LIVROS** – sem dependência química. [S. l.]: Google Share, [202?]. Disponível em: <https://share.google/OzeFzFghpI2rxTODK>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- PAIVA, Eliane Aparecida Faria de et al. Das drogas lícitas às ilícitas: a educação infantil como potencial preventivo. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 1-11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i2.3511>. Acesso em: 7 jan. 2025.

PAIXÃO, Iara Ribeiro et al. Drogas e sociedade: material de apoio a atividades educativas na perspectiva emancipatória. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 2, p. 621-641, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-so100108so100129>. Acesso em: 01 nov. 2025.

PINATI, Carolina Taciana et al. A importância da literatura na educação infantil. **Ciência ET Praxis**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 49-56, 2017. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/2657>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SECCO, Patrícia Engel. **O que são drogas?** 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

SILVA, Maria de Lourdes da. "Álcool, medicamentos e outras drogas nos materiais paradidáticos entre os anos 1970-2000: Embates de sentidos na educação". In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais [do] 30º Simpósio Nacional de História**. Recife, PE, jul. 2019.

SILVA, Maria de Lourdes da; COELHO, Francisco. A educação sobre drogas no Brasil diante do novo ordenamento legal. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e42176, 2022. DOI: 10.26512/lc28202242176. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/42176>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SILVA, Maria de Lourdes da; COELHO, Francisco José Figueiredo; GUIMARÃES, Maria Fernanda Batista Bittencourt. "A Turma da Mônica" comic book "A story that needs an end" and the education about drugs: a vicious circle and transition. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 9, n. 9, p. 60-66, 2019. Disponível em: https://www.gped.net/files/ugd/f0b277_0789708e005b41eabe87184dda9995f8.pdf. Acesso em: 14 nov. 2025.

SILVA, Onã. **A Quadradinha de Gude**. Brasília: Thesaurus Editora, 2014.

SILVA, Patrícia Alexandra Prata da. **Segredos & Enredos: da palavra à ficção – A importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da imaginação da criança**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11365/1/PATRICIA_SILVA.pdf. Acesso em: 7 jan. 2025.

SILVA CARDOSO, Denise et al. Materiais educativos sobre drogas: uma análise qualitativa [Educational materials on drugs: A qualitative analysis]. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 149-156, 2013. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/2216>. Acesso em: 2 nov. 2025.

UOL. Como e quando falar com os filhos sobre drogas. São Paulo, 31 ago. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/08/31/como-e-quando-falar-com-os-filhos-sobre-drogas.htm>. Acesso em: 19 ago. 2025.

ZANELLA, Andréa Vieira. Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas. **Temas em Psicologia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 11-22, 1994. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 17 ago. 2025.

ANEXO 1 - INSTRUMENTO DE AFERIÇÃO DUAL

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
 GPED/GT interinstitucional GIEESAA/UFRJ/UERJ
 Profa. Maria de Lourdes da Silva/ Prof. Francisco Coelho

Avaliação dos programas e materiais didáticos e paradidáticos sobre Drogas

Nome do Livro:

Dados bibliográficos: Autor, Cidade, Editora, Edição e ano de publicação/permanência do programa.

1 - Aspectos Quantitativos:

Nº	Critérios de Avaliação	S/N
1	Definição das drogas	
2	Classificação das drogas	
3	Efeitos no organismo	
4	Danos causados ao organismo	
5	Enfoque da Redução de Danos (RD)	
6	Enfoque proibicionista	
7	Menção aos conhecimentos das ciências biopsicomédicas ¹	
8	Menção aos conhecimentos das Ciências Sociais	
9	Menção às práticas de uso	
10	Menção às formas de tratamento	
11	Propostas de prevenção	

S = Sim N = Não

2 - Aspectos Qualitativos (Relativos aos itens marcados com Sim – como aparecem no texto)

¹ - Ciências biopsicomédicas são as ciências naturais ou do campo da saúde que tem como objeto de estudo dos fenômenos mentais e funcionamento do cérebro, partindo dos conhecimentos científicos das ciências biológicas, da psicologia e da medicina e áreas afins da saúde.